

ENEGRECENDO A LITERATURA BRASILEIRA EM NARRATIVAS INSUBMISSAS DE MULHERES NEGRAS

Patrícia da Silva Souza¹
Tallita Rosendo Barbosa²
Patrícia Cristina de Aragão³

RESUMO

A representação da literatura histórica de mulheres negras na contemporaneidade é de relevância para a sociedade brasileira, tendo em vista, que são narrativas que transcendem a invisibilidade histórica no cânone literário brasileiro. São as “escrevivências” insubmissas que representam a resistência. Este trabalho tem como objetivo discutir a interseccionalidade a partir dos escritos de mulheres negras e a dialogicidade destes aspectos nos espaços da educação básica. Tendo como a representatividade e empoderamento de seus escritos as escritoras negras na literatura buscam como forma combater toda forma de preconceito, discriminação e racismo, que ainda possa existir dentro dos espaços escolares, através de suas produções literárias. Trata-se de uma pesquisa qualitativa de cunho descritivo-narrativo, com análise do livro: *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), organizado por Mel Duarte e da literatura infanto-juvenil: *Dandara* (2022), de Madu Costa. Ancorados aos estudos de Ribeiro (2017), Akotirene (2019), Cuti (2010), dentre outros. Acreditamos que o “lugar de fala” que as mulheres negras apresentam e representam dentro da literatura negro brasileira, consistem em vozes insubmissas perante a “uma história única” vivenciada na historicidade em suas diferentes ambiências. Consideramos que, diante uma sociedade desigual e misógina, desmistificar estereótipos enraizados desde a sociedade patriarcal brasileira é fundamental, para pensar uma educação pautada numa prática antirracista de educar. Portanto, para uma Educação antirracista é primordial o (re)conhecimento da historicidade brasileira com a ótica de mulheres negras, bem como, reconhecimento e valorização da cultura africana e afro-brasileira, através de narrativas que evoquem o respeito às diferenças e o respeito à ancestralidade como forma de resistência dentro da diversidade pluriétnica e multicultural do país.

Palavras-chave: Empoderamento feminino, Vozes negras, Literatura negro-brasileira, Interseccionalidade.

INTRODUÇÃO

Aqui estamos nós,
donas de nossas próprias palavras
revolucionárias do cotidiano,
regando a terra outrora batida
por nossas antepassadas,
firmando nossas pegadas,

¹ Mestranda em Pós-Graduação em Formação de Professores; Graduada em Pedagogia-UEPB. E-mail: pipatricia278@gmail.com;

² Graduanda em licenciatura plena em História da Universidade Estadual da Paraíba. E-mail: tallitabarbosa96@gmail.com;

³ Doutora em Educação. Professora do Departamento em História da universidade Estadual da Paraíba. Professora do Programa de Pós -Graduação em Formação de Professores e do Programa de Pós -Graduação em Serviço Social. E-mail: patriciaaragao@servidor.uepb.edu.br.

sabendo que hoje, cada vez
que nossa fala se propaga,
equivale a dez que antes
foram silenciadas.
Mulheres de uma geração
atrevida, filhas de saraus e
de batalhas de poesia,
alquimistas, libertárias,
propagandistas da oralidade
compartilhando nossas
travessias,
bradando nossa realidade! [...] (Duarte, 2019, p.02)

O fragmento desta narrativa de, Mel Duarte, elucida a representatividade da escrita da mulher negra brasileira, de forma a revolucionar o cotidiano através de suas escritas com evocação a ancestralidade para fertilizar os solos da mente e na cura dos corpos negros de forma a combater o racismo multifacetado na sociedade brasileira.

A literatura negra brasileira com tessituras de escritoras negras representa a ruptura de silenciamento e invisibilidade imposto as mulheres negras nos diferentes momentos históricos da sociedade brasileira, desde Brasil Colonial até a República. Sobretudo, no processo de genocídio, misoginia e racismo epistêmico, reverberado pelo o modelo social patriarcal capitalista.

Dessa forma, este artigo tenciona discutir as tessituras de escritoras negras na literatura afro-brasileira apontando os caminhos cruzamentos de temáticas através da ótica da memória numa crítica visão educativa e humanística, bem como no entrelace entre literatura e história e temáticas da interseccionalidade de gênero, etnia-raça na construção da identidade da criança e jovem em movimento de uma educação decolonial antirracista.

Trazendo o diálogo da interseccionalidade na discussão dos lugares de fala da mulher negra na literatura no entrelace de temáticas de gênero, raça e classe na valorização e (re) conhecimento da história e cultura africana e afro-brasileira, ferramenta do Movimento Negro Feminino para lutas de espaço de fala, nas premissas sociais, políticas, epistêmicas e da legislação.

Espaços que evocam nas narrativas plurais, espelhadas com lutas, memórias, anseios, angustias, solidão, temáticas de violência racial e de gênero. “Ao criarem histórias e identidades, as autoras (re)inventam a si mesmas e desconstroem conceitos padronizados sobre personagens femininas negras na literatura brasileira, principalmente, nos cânones literários”. (Soares; Jorge, 2020, p. 31).

Assim, a literatura tecida por escritoras negras configura-se como(re) apresentação do lugar de fala da mulher negra através da literatura, referenda-se como lugar político, social,

educativo de existência e resistência. Bem como, importante material metodológico para desconstrução de uma história única que ao longo dos séculos do currículo escolar, com estudos de literaturas eurocêntricas e clássicos infantis, não condizentes às realidades do povo brasileiro. A necessidade de enegrecer as narrativas e estudos literários prioriza a descolonização do pensamento com estudos de epistemologias de SABER, SER, FAZER difundidos pela Wash, como forma de conhecimento das relações étnico-raciais e enegrecer narrativas, representadas como o sujeito de fala, no protagonismo autoral corrobora para construção de identidade histórico-cultural, bem como, na promoção de educação antirracista, com respeito à diversidade étnica e cultural brasileira.

Para tanto, debruçamos nos estudos de Ribeiro (2017), Akotirene (2019), na discussão de lugar de fala, interseccionalidade e importância da literatura afro-brasileira para contribuições da construção identitária, histórica e cultural do país; Wash(2019) nas discussões do pensamento decolonial e a dialogicidade da interculturalidade e multiculturalidade; para análise de conteúdo ancoramos nos estudos de Bardin(2016) e Delory- Monberger (2012), ao se tratar de análise de narrativas biográficas de experiências e vivências, subjetivas e plurais das mulheres negras a partir dos escritos dos livros: *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), organizado por Mel Duarte e da literatura infanto-juvenil: *Dandara* (2022), de Madu Costa. Dentre outros autores.

METODOLOGIA

A metodologia do artigo, configura-se como abordagem qualitativa de cunho descritivo-narrativo, na ramificação de análise documental e bibliográfica. Em primeiro momento, dialogaremos com documentos oficiais, perpassando e bibliográficos com análises das obras literárias: *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), organizado por Mel Duarte e da literatura infanto-juvenil: *Dandara* (2022), de Madu Costa. Perpassando, principalmente, na dialogicidade de documentos oficiais e análise de conteúdo, Bardin(2016) e Delory- Monberger (2012), ao se tratar de de observação analítica das narrativas biográficas na compreensão dos olhares e experiências vividas e ligações entre os contextos de representações e experiências vivenciadas. Como dialoga, Delory- Monberger (2012, p.523).

O projeto fundador da pesquisa biográfica inscreve-se no quadro de uma das questões centrais da antropologia social, que é a da constituição individual: como os indivíduos se tornam indivíduos? Logo, essa questão convoca muitas outras concernentes ao complexo de relações entre o indivíduo e suas inscrições e entornos (históricos, sociais, culturais, linguísticos, econômicos, políticos); entre o indivíduo e as representações que

ele faz de si próprio e das suas relações com os outros; entre o indivíduo e a dimensão temporal de sua experiência e de sua existência.

Acreditamos que a produção literária com narrativas de mulheres negras fomenta um diálogo entre diferentes possibilidades e contextos sociais e educativos, uma vez que, em suas escritas perpassam temporalidades históricas, sociais e intersseccionais de gênero, etnia-raça, bem como, no entrelace entre literatura, história e ensino na ressignificação do eu e do outro.

Entendemos que a literatura com o viés do protagonismo negra feminino, pode enegrecer pensamentos e currículos escolares, dado que, as literaturas adotadas na maioria das instituições escolares concentra maior número de literaturas brancocêntricas, que colocam em suas narrativas o povo negro com olhares de subalternidade e estereótipos. Como discute Bardin(2016,p.19), “A descrição analítica funciona segundo procedimentos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens”.

Dessa forma, no segundo momento analisaremos as narrativas literárias das escritoras supramencionadas na observância do conteúdo abordados nas narrativas viabilizam um lugar de fala referente as lutas das mulheres negras no sistema social patriarcal, capitalista e colonista, que subalterna em seus espaços sociais, educacionais e epistêmicos.

REFERENCIAL TEÓRICO

Após duas décadas de promulgação da Lei Federal 10.639/2003, que configura-se no cenário nacional como uma conquista do povo negro brasileiro, através de lutas e debates dos Movimentos sociais, dentre eles, destacamos o Movimento Feminista Negro, que coloca em relevo pautas de interesse das mulheres negras, que muitas vezes, são subalternizadas e invisibilizadas. No qual, esta legislação determina a inserção nos currículos escolares na Educação Básica do país, um ensino pautado na história e cultura africana e afro-brasileira nos componentes de Literatura, História e Educação Artística em escolas públicas e privadas de todo país .

A literatura é uma arte que encanta, representa o mundo, as pessoas através da criatividade das palavras. O imaginário perpassa entre os sonhos e a vida prática, entre a representatividade da/na sociedade brasileira. neste sentido, (COELHO, 2000, p. 27-28), apresenta contribuições acerca das influências sociais de como a literatura é tecida.

“A literatura é uma linguagem específica que, como toda linguagem, expressa uma determinada experiência humana, e dificilmente poderá ser definida com exatidão. Cada época compreendeu e produziu literatura a seu modo. Conhecer esse “modo” é, sem

dúvida, conhecer a singularidade a seu modo. Conhecer a literatura que cada época destinou às suas crianças é conhecer ideais e valores e desvalores sobre os quais cada sociedade se fundamentou (e se fundamenta...)

Denota-se que a literatura afro-brasileira consolida-se como uma narrativa decolonial, na representatividade do lugar de fala da mulher negra brasileira nas diversas temáticas experienciadas, que se (re) compõe a autonomia discursiva e epistêmica da mulher negra. Assim, permite-nos perceber a diversidade de nuances apresentadas em suas escritas, ora deslumbrar-se de encantos e descobertas de si, da cultura e da nossa história ancestral com fundamentos e saberes que exalam força e coragem no protagonismo de suas obras.

O professor Eduardo Duarte, no seu texto: Por um conceito de literatura afro-brasileira, (2010,p. 11), afirma que, “ *Enfim, essa literatura não só existe como se faz presente nos tempos e espaços históricos de nossa constituição enquanto povo; não só existe como é múltipla e diversa*”. O autor, discorre também, em sua narrativa atributos necessários para considerações acerca da nomenclatura de literatura afro-brasileira que são: *temática, autoria, ponto de vista, linguagem e o público*. É necessário a imersão para uma defesa compreensível e autônoma, que revela conhecimento sobre a historicidade africana e afro-brasileira.

Ela se consolida na multiplicidade de gêneros que permeiam o universo do imaginário, arte, memória, história, subjetividade que remetem a historicidade do continente africano além diáspora, evoca à ancestralidade nas vozes-mulheres em temáticas interseccionais de gênero, etnia-raça, que anunciam lutas e vitórias do passado, reflete o presente e anuncia o futuro. Nesse sentido Akotirene (2019, p.14), dialoga que:

A interseccionalidade visa dar instrumentalidade teórico-metodológica à inseparabilidade estrutural do racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado produtores de avenidas identitárias em que mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.

A interseccionalidade é uma ferramenta epistemológica do Movimento Feminista Negro na luta contra o colonialismo/modernista e sua inseparável teia racista que inviabiliza práticas e lutas sociais do contexto gênero, etnia-raça, classe nas diferentes formas de opressão. E, a literatura afro-brasileira com escrita negra feminina é um campo fértil para descolonização dos pensamentos, sobretudo, para metodologias interseccionais de lutas das mulheres na diversidade de contextos sociais.

Pois, ela configura-se na diversidade de gêneros textuais, com expressões e valorização do espaço de luta, diálogo, encantamento pela cultura, arte, história e memória. Apresenta a dissonância de vozes plurais e lugares de fala e de luta. Djamila Ribeiro(2017, p.

64), discute que “O falar não se restringe ao ato de emitir palavras, mas de poder existir. Pensamos no lugar de fala como refutar a historiografia tradicional e a hierarquização de saberes consequente da hierarquia social”, ou seja, lugar de fala, primeiramente é um ato político, social, epistemológico e educativo, uma vez que, apresenta saberes experienciados, sócio- histórico-cultural eclodindo sua existência na hierarquia social.

O lugar de fala da mulher negra no campo literário transcende os lugares de silenciamento e de invisibilidade epistêmica imposto ao longo dos séculos pela sociedade patriarcal, delimitando os espaços do mundo letrado e, conseqüentemente, os acadêmicos, em virtude de políticas excludentes dos padrões hegemônicos ramificado no racismo epistêmico. Nesse sentido, Wash (2019,p.24) , dialoga que,

O reconhecimento de e a tolerância para com os outros que o paradigma multicultural promete não só mantém a desigualdade social como deixa intacta a estrutura social e institucional que constrói, reproduz e mantém essas desigualdades. O problema, então, não se concentra simplesmente nas políticas do multiculturalismo como um novo paradigma dominante na região e no globo, mas também nos meios de que cada política se vale para ofuscar tanto a subordinação colonial quanto as conseqüências da diferença colonial, incluindo o que Mignolo designou como "racismo epistêmico da modernidade" (Mignolo, 2003).

O colonialismo/modernismo trabalham nas diferentes faces que racismo se apresenta na sociedade. Se moderniza impedindo uma educação decolonial defende uma prática de ensino voltado para o multiculturalismo intercultural, como reflete a estudiosa Ellen Meiksins Wood que identifica a peculiaridade do “racismo moderno” justamente em sua ligação com o colonialismo, como cita (Almeida, 2019, p.21).

O racismo moderno é diferente, uma concepção mais viciosamente sistemática de inferioridade intrínseca e natural, que surgiu no final do século XVII ou início do século XVIII, e culminou no século XIX, quando adquiriu o reforço pseudocientífico de teorias biológicas de raça, e continuou a servir como apoio ideológico para opressão colonial mesmo depois da abolição da escravidão.

O perigo de uma história única e o poder que possui de destruir sonhos e corpos negros, historicamente nas escolas, na qual estudamos a cultura e história através de um único olhar: da elite brancocêntrica/eurocêntrica. Nesse sentido, Adichie, (2019, p. 22-23). Dialoga que, “ É impossível falar sobre a história única sem falar sobre poder[...]. O poder é a habilidade não apenas de contar a história de outra pessoa, mas de fazer que ela seja sua história definitiva”.

Uma educação decolonial e antirracista consiste no rompimento das cadeias colonialistas e enfatiza a história e cultura como forma de reconhecimento e ressignificação

histórica e cultural da nossa ancestralidade. Catherine Walsh Apud Candau (2020, p. 680), define que a decolonialidade:

É assinalar a necessidade de visibilizar, enfrentar e transformar as estruturas e instituições que posicionam de modo diferenciado grupos, práticas e pensamentos dentro de uma ordem e lógica que, ao mesmo tempo, ainda é racial, moderna e colonial. Uma ordem da qual todos de alguma forma participamos. Assumir esta tarefa implica um trabalho decolonial, dirigido a romper cadeias e desescravizar as mentes[...].

A educação decolonial permite conhecer a história e cultura dos povos silenciados pelo sistema colonial é descolonizar nossas mentes, rompendo as barreiras de uma história aprendida nas escolas como única verdade. A verdade é que a educação decolonial é um direito adquirido pelo povo negro brasileiro, povos indígenas e ciganos, nas diferentes legislações conquistadas para espaços de vozes e (re)conhecimento das verdades e inverdades na historicidade brasileira.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Na análise das literaturas: *Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta* (2019), organizado por Mel Duarte e da literatura infanto-juvenil: *Dandara em cordel* (2022), de Madu Costa. Não nos deteremos na observância do gênero, mas ao lugar de fala das escritoras negras e as temáticas abordadas desde a história e cultura africana e afro-brasileira até as questões de invisibilidade das mulheres negras na episteme literária do discurso, bem como, a interseccionalidade de gênero, etnia-raça.

Os gêneros textuais envolvidos na discussão detm atenção dos leitores, uma vez que, revela uma sonoridade rítmica e poética, os poemas autorais de Mel Duarte, que revelam a subjetividade e difusão de voz(es) de inúmeras realidades vivenciadas por mulheres, sobretudo, as negras, em virtude do processo histórico de colonização e do patriarcado social, que encaminha as mulheres ao “espaço do lar”, de invisibilidade social, estereotipadas, sexualizadas e sensualizadas com expressões “cabelo pixaim” e “corpo do pecado”, demonstrando preconceito, discriminação e racismo.

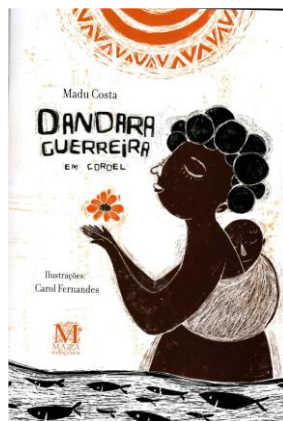
E, a literatura infanto-juvenil da autora Madu costa, *Dandara em cordel*, revela-nos a importância do gênero popular nas ambiências escolares, pois historicamente, nas feiras populares declamavam publicamente para informar a população sobre determinadas temáticas sociais, a criticidade na população ouvinte. Como revela-nos Aragão(2007,p.27).

A literatura de cordel, enquanto prática social e cultural, propicia, no âmbito educacional, a construção de conhecimentos que podem ser aplicados na educação

básica. É também, um meio de problematização de questões sociais e culturais concernentes a história e social [...] Isso significa dizer que esse gênero textual colabora para que o educando problematize situações do cotidiano.

Dessa maneira, o cordel pode ser utilizado para educar outras temáticas além do gênero literário, bem como, um lugar de fala político, social e educativo das escritoras negras brasileiras, na forma de composição da literatura afro-brasileira.

FIGURA 01: capa da literatura



Fonte: Costa, Madu (2022).

As imagens ilustradas em toda literatura, por Carol Fernandes, elucidam a cultura e historicidade africana e afro-brasileira, desde os penteados, cuidados com natureza, animais oriundos do continente africano, a galinha da Angola-conhecida como Guiné, o cuidado das crianças e a maneira de ser carregada, os elementos naturais, a mandala representando o sol. Bem como, toda as imagens da literatura remetem as xilogravuras.

É uma literatura biográfica, tecida em versos de cordel de maneira educativa, afirmativa, empoderada, decolonial, feminina. Uma vez que, revela a biografia da grande mulher e guerreira Dandara que lutou pelo seu povo até o fim, se alama vive em cada menina negra e não negra que luta contra toda forma de opressão, misoginia que assola a sociedade brasileira, através das práticas racistas que precisam ser disseminadas pela conhecimento.

A literatura narra toda a história biográfica de Dandara, dialoga sobre o matriarcado e a força da mulher negra, Dandara, desde o Brasil colonial, a vida de resistência no Quilombo de Palmares, a sabedoria da mulher nas artes e cuidado com a terra e cultivo da agricultura, no conhecimento da arte na metalurgia e no trato com a natureza e fabricação de utensílios através do barro e no trato com as plantas e ervas.

A história dessa heroína precisa ser conhecida na voz de Madu Costa, escritora negra, que envolve o leitor desmistificando olhares da historicidade da história única vivenciadas nas

escolas na narrativa de heroís brancos, a exemplo da “redentora” Princesa Izabel, que nunca apresentou nem misericórdia ao sofrimento do povo negro, mas sim, atentou aos objetivos e interesses da coroa portuguesa.

A finalização da literatura apresenta a força da mulher negra afro-brasileira, chamadas de “Dandaras” da atualidade continuam a lutar pela liberdade, respeito e pelo fim da violência contra a mulher. A escritora Madu Costa, enriquece ao elucidar temáticas atuais que a sociedade patriarcal tenta camuflar, invisibilizar e subalternizar. A união das mulheres negras e não negras na luta pelos direitos de uma sociedade mais justa, humanizada e humanizadora.

FIGURA 02: capa do livro:

Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta

Fonte: Duarte, Mel (2019).

O livro: Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta, organizado pela escritora Mel Duarte, apresenta antologia de 15 mulheres poetisas, representando as cinco regiões do país, de forma a referendar a história da ancestralidade feminina, dos corpos silenciados durante a historicidade, bem como, o poder da poesia falada que faz parte da herança cultural da oralidade dos griots. E, que agora estão nas mãos das mulheres da contemporaneidade.

Para Conceição
 Quantas das nossas Vozes-mulheres calaram?
 A dor e a repressão em quantos peitos moraram?
 Quantos de nossos filhos já nos tiraram?
 E quantas de nossas vidas apagaram?
 Nossa pele preta escrita deu vida a nossa arte
 As chibatada ainda arde
 Nossa inspiração nasce
 Aprendi com Conceição
 Que somos negros-estrelas, juntos uma constelação
 Valorizei minhas vivências e escrevi Poemas de recordação
 De tudo aquilo que transbordava e não cabia mais no meu coração
 De geração em geração
 Levo comigo a escrita [...]
 É nossa arte escruta tomando conta dessa estrutura
 Não queremos mais censura, meu ventre exala literatura[...]

O fragmento da poesia falada na escrita d escritora, Cristal Rocha, (Duarte, 2019, p.53), reflete sobre a forte representatividade de escrita e mulher negra na literatura, e da escrita subjetiva e plural das lutas sociais vivenciadas pela ancestralidade na diáspora até atualidade. Surgindo temáticas: Silenciamento, invisibilidade, subalternidade, violência contra as mulheres negras no decorrer da historiografia brasileira. E, que através da escrita literária se pode recordar e curar o sofrimento a partir da evocação da ancestralidade na constelação de estrelas.

Na ponta do abismo
 Na ponta do abismo lá vai a mãe preta
 Aguenta o infinito em um corpo em que grito de socorro acusa suspeito
 Não chore nem fala das mortes diárias
 Pariu cinco vezes sem anestesia com falas no ouvido:
 -Preta é firme!
 Teu corpo foi alvo da falta de amor[...]
 Mãe preta é forte, sempre ouvi falar
 Mãe, preta!
 Resiste desde que não sabia o que era existir
 Mãe preta![...]
 Dall Farra, em (Duarte,2019, p.65)

Este fragmento na poesia de Dall Farra, intitulado: na ponta do abismo, denuncia o racismo estrutural estereotipado e os sofrimentos da mulher negra não tomar anestesia nos partos “ por disserem que a mulher negra aguenta mais dores do que a mulher branca”. Jurema Wenerck, mulher negra, médica e militante em uma entrevista ao *Brasil de fato* dialoga que, “As mulheres negras são as que mais adoecem e as que menos têm acesso a serviços de qualidade no SUS. Já houve casos de negros que não recebem anestesia e analgésicos porque são negros”.⁴ Este um reflexo do racismo-patriarcado-sexismo que enquadra a mulher negra de maneira subalternizada, iniciado no período colonial até atualidade. A necessidade de desmistificar o imaginário popular enraizado com estruturas racistas e sexistas iniciado no período colonial, e ainda persiste estar presente na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A literatura feminina negra representa subjetividade e pluralidade das vozes mulheres no cenário nacional, que atualmente, através de uma política de Governo, emerge com força e eloquência nos espaços sociais e que precisa adentrar nas estruturas educacionais para

⁴ Jurema Werneck: "Somos herdeiras de mulheres que construíram a própria força" Médica, pesquisadora e fundadora da ONG Criola fala sobre as principais pautas da mulher negra hoje. Por: Mariana Pitasse. Rio de Janeiro |27 de Julho de 2016. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2016/07/27/jurema-werneck-somos-herdeiras-de-mulheres-que-construiram-a-propria-forca/>

valorização da mulheres negras, em seus corpos, memória, dialogicidade discursiva de temáticas experienciadas pelas mulheres nos diferentes contextos sociais: nas famílias, nos trabalhos, nos ambientes acadêmicos, enfim, o racismo existe de forma multifacetada e precisa ser combatido pela uma educação antirracista desde a mais tenra idade.

Ela fertiliza e descoloniza pensamentos, (re) apresenta o lugar de fala da mulher negra nos contextos sociais, em suas lutas diárias e nos diferentes contextos das representações e práticas experienciadas através das suas “escrevivências”. Além de promover uma educação decolonial e antirracista nas ambiências escolares, quando utilizadas como material metodológico e didático na dialogicidade das problemáticas sociais, na historicidade e cultura africana e afro-brasileira, bem como, a presença da mulher negra na sociedade brasileira desde a colonização até a atualidade.

É importante a desconstrução das concepções de racismo em suas diferentes estruturas, principalmente, dentro das ambiências escolares, através do CONHECIMENTO e ESTUDO da diversidade étnica e cultural da sociedade brasileira. A partir das lutas do povos negros e dos povos originários na construção do país, no papel desempenhado pelas mulheres negras nos diferentes históricos, a luta dos movimentos sociais negros e femininos. Mentes descolonizadas desconstroem pensamentos de únicas verdades, a sociedade é multicultural e intercultural e uma das ferramentas metodológicas que apresentamos é a literatura negro feminina.

REFERÊNCIAS

- ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**; tradução Julia Romeu. - 1ª ed.- São Paulo: Companhia das letras, 2019.
- ALMEIDA, Sílvia de. **O racismo estrutural**. -- São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.
- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo : Sueli Carneiro ; Pólen, 2019.
- ARAUJO, Patricia Cristina de Aragão. **A cultura dos cordéis: território (s) de tessitura de Saberes**. 2007. 257 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2007.
- BRASIL. **LEI No 10.639, DE 9 DE JANEIRO DE 2003. Altera a Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática “História e Cultura Afro-Brasileira”, e dá outras providências.** Disponível:

https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/110.639.html Acesso em: 06 de novembro de 2023.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Tradução: Luís Antero Reto, Augusto Pinheiro. São Paulo, Lisboa: edições 70, 2016.

CANDAU, V. M.. **DIFERENÇAS, EDUCAÇÃO INTERCULTURAL E DECOLONIALIDADE: temas insurgentes**. Revista Espaço do Currículo, [S. l.], v.13, n. Especial, p. 678–686, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.1983-1579.2020v13nEspecial.54949. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rec/article/view/54949> . Acesso em: 24 out. 2023.

COELHO, Nelly Novaes. **LITERATURA INFANTIL: teoria, análise, didática**. São Paulo: Moderna, 2000.p. 27-31.

COSTA, Madu. **Dandara Guerreira em Cordel**. Ilustrado por Carol Fernandes. -Belo Horizont: Mazza Edições, 2022.

DELORY-MOMBERGER, Christine. **Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica**. Revista Brasileira de Educação v. 17 n. 51 set.-dez. 2012.

DUARTE, E. (2011). **Literatura afro-brasileira: um conceito em construção**. Estudos De Literatura Brasileira Contemporânea, (31), 11–23. Recuperado de: <https://periodicos.unb.br/index.php/estudos/article/view/9430> acesso em: 20/10/2023.

Duarte, Mel. **Querem nos calar: poemas para serem lidos em voz alta**. Mel Duarte(orgs); ilustração de Lela Brandão.- São Paulo: Planeta do brasil.2019.

RIBEIRO. Djamila. **O que é: lugar de fala?** -- Belo Horizonte (MG): Letramento: Justificando, 2017. 112 p. (Feminismos Plurais).

SOARES, C. M.; LORENADA SILVA JORGE, G. **MULHER NEGRA NA LITERATURA: A PALAVRA COMO INSTRUMENTO DE LUTA E RESISTÊNCIA: BLACK WOMEN IN LITERATURE: THE WORD AS AN INSTRUMENT OF STRUGGLE AND RESISTANCE**. Revista Temas em Educação, [S. l.], v. 29, n. 3, 2020. DOI: 10.22478/ufpb.2359-7003.2020v29n3.53133. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rteo/article/view/53133> . Acesso em: 13 nov. 2023.

WASH, Catherine. **INTERCULTURALIDADE E DECOLONIALIDADE DO PODER UM PENSAMENTO E POSICIONAMENTO "OUTRO" A PARTIR DA DIFERENÇA COLONIAL**. Revista Eletrônica da Faculdade de Direito da Universidade Federal de Pelotas (UFPe) ISSN - 2448-3303. V. 05, N. 1, Jan.-Jul., 2019.6-39p. DOI: <https://doi.org/10.15210/rfdp.v5i1.15002>